

Novos causam impacto em busca de mais espaço

por Eliana Simonetti
de Brasília

A decisão do PMDB de apresentar, na Câmara dos Deputados, pedido para que fosse adiada a eleição da mesa diretora dos trabalhos foi a primeira vitória dos novos parlamentares eleitos em 15 de novembro. Para eles, mais importante que a manutenção das prerrogativas do Legislativo é a garantia de que a Constituinte seja a única preocupação do Congresso Nacional durante o tempo que for necessário para a elaboração da nova Carta. "Os novos querem que a Constituinte seja o poder", explicou a este jornal o veterano deputado Egídio Ferreira Lima (PMDB-PE). É ele o articulador das novas forças dentro do PMDB, "movimento tão significativo que se o partido não se curvar às suas idéias vai quebrar".

O fato de a moção de iniciativa dos novos parlamentares não ter sido aprovada pela Câmara dos Deputados como um todo, segundo os políticos consultados por este jornal, não diminui o impacto das novas idéias, que, neste primeiro momento, encontraram maior eco no PMDB.

Os resumos dos parlamentares inexperientes na Constituinte ainda não estão claros, mas certamente não pode ser ignorado o fato de que as últimas eleições renovaram 61% do Parlamento brasileiro, mais na Câmara dos Deputados do que no Senado Federal.

Augusto Carvalho (PCB-DF) contou a este jornal que já existe entendimento de cerca de cem parlamentares em torno de questões como a reforma agrária e o controle do capital financeiro. "É uma identificação ideológica", explicou, "que se sobrepõe à estrutura partidária, e que deve ter poder para se impor à mesa diretora dos trabalhos, formada por políticos antigos, como o deputado

Ulysses Guimarães." O novo parlamento, conforme sua análise, deu um salto à esquerda, e "os novos são em geral contrários às tramas políticas de gabinete". Dessa forma, devem ocorrer mudanças inclusive a nível do próprio funcionamento do Congresso, pois, como disse Maurício Fruet (PMDB-PR), "os novos parlamentares têm compromissos assumidos em campanha e não poderão acomodar-se à estrutura vigente".

Há novos, como Francisco Dornelles (PFL-RJ), ex-ministro da Fazenda, que desconhecem a existência de conversações neste sentido, pois, conforme ele afirma, "tenho minha posição pessoal e não me preocupo com os demais". Há, por outro lado, novos, como Antonio Brito (PMDB-RS) que admitem a articulação dos progressistas, mas restrita ao PMDB. A tendência dominante, no entanto, parece ser a da articulação suprapartidária, "um movimento contra os rançosos", como define a deputada Dirce Quadros (PTB-SP), certa de que "os líderes partidários não vão ter nenhum poder na Constituinte".

Existe um núcleo de novos com unidade ideológica, confirmou o deputado Jitahí Júnior (PMDB-BA), um dos deputados que vêm trabalhando no sentido de conter a fúria renovadora dos novos parlamentares. Ele diz que "existe o risco de que se faça da Constituinte o único poder constituído no País, provocando grande instabilidade institucional". Este é um exemplo, segundo Luiz Carlos Sigmaringa (PMDB-DF), da necessidade de articulação entre as forças de centro e de esquerda "para fazer o que é possível".

A expectativa agora, conforme Ferreira Lima, é de que se consiga manter o movimento por um mês. "Se conseguirmos, isso não pára mais."